

MEMÓRIA CAMPINEIRA

TEMPORADAS LÍRICAS

Benedito Barbosa PUPO

Inaugurado no decênio de final cinqüenta, século XIX, (Leopoldo Amaral registra o ano de 1847, enquanto outros assinalam o de 1850), o Teatro São Carlos foi considerado pelo viajante Zaluar como o melhor da província, abrigando, desde então, grandes conjuntos dramáticos, nacionais e portugueses, companhias líricas (a partir de 1875), ano em que se realizou em Campinas e primeira temporada do gênero que teve grande êxito, como narra o memorialista em seu livro **Campinas: recordações**: “As primeiras temporadas líricas aqui se deram no ano de 1875, pela Empresa Ferri, que contava em seu elenco, entre outras sopranos, as senhoras Emilia Pozzoli, Augusta Cortezzi, Hassani Saint-Clair e cantores Liberti, Signoretti, Lelmi, Balcena, Mirrandola, Trivero, Scolare e Pons”.

A realização dessa primeira temporada lírica no São Carlos teve grande êxito e público, como se comprova pelo tempo de duração da temporada, em cuja estréia foi cantada a ópera “Ernani”, de Verdi. Campinas tinha, na ocasião, a orquestra de Sant’Ana Gomes, que atuou nessa e em outras três óperas do grande compositor italiano (“Otelo”, “Traviata” e “Trovador”), duas de Donizetti (“Lucrécia Borgia” e “Lucia de Lammermor”) e a “Norma”, de Bellini, as quais foram repetidas para atender à procura do público. Essa auspiciosa temporada, de grande significação para a cultura campineira, realizou-se de 12 de janeiro a 28 de março de 1875.

Naquele mesmo ano em que Campinas teve seus primeiros espetáculos de ópera, outro elenco iniciava a segunda temporada lírica, a 9 de dezembro, terminando depois de três meses, a 28 de março de 1876. Valho-me do memorialista Leopoldo Amaral para informar aos leitores o repertório então apresentado: “Lucia de Lammermor”, de Donizetti; “O Barbeiro de Sevilha”, de Rossini; “Ernani”, “Traviata”, “Luiza Miller”, “Rigoletto” e “Baile de máscaras”, de Verdi; e mais duas óperas de Donizetti: “A Favorita” e “Poliuto”.

Campinas ouviu, ainda, no Teatro São Carlos, duas óperas em 1893, com orquestra de 70 professores, que, segundo narra Leopoldo Amaral, “com muita dificuldade se pôde acomodar no acanhadíssimo espaço de que se dispunha no Teatro São Carlos”. Na realidade, como podemos deduzir de depoimentos registrados na época, foi uma grande ousadia de Campinas trazer cantores e orquestra que integravam a Companhia Lírica Ferrari, da qual faziam parte nomes famosos como os de Tetrzini, Giudice Costa, Ferrani, Cremosini e Scott. Verdi, em “Falstaff”, novíssima naquele tempo, e “A Favorita”, de Donizetti, foram as óperas cantadas nos dois espetáculos realizados numa cidade de pouca população como era na época Campinas, ocasião em que aqui grassava epidemicamente a febre amarela desde 1889.

Após aqueles momentos difíceis por que passou no final do século passado, Campinas, no início deste, entrou numa fase de recuperação, renascendo das cinzas, como a Fênix lendária de seu brasão. Temos um exemplo desse renascimento da vida cultural de Campinas, focalizando o auspicioso do Natal de 1903, quando um fato de suma importância na vida artística da cidade marcou o nascimento de uma excelente obra de Coelho Neto, “A Pastoral”, aqui representada na véspera do Natal no Teatro São Carlos.

Faço estas considerações para mostrar o hiato havido na vida artística de Campinas, em consequência do colapso na programação de espetáculos aqui, e realizados no Cine Teatro Rink, Cine Teatro São Carlos e, a partir de 1930, no Teatro Municipal Carlos Gomes, inaugurado em 10 de setembro do citado 1930. Inaugurado com a ópera “O Guarani”, de Carlos Gomes, a temporada do novo espaço cultural (demolido por insegurança em 1965) prosseguiu com “O Barbeiro de Sevilha”, cantado por excelente elenco na qual figurava nossa consagrada Bidu Saião.